



## **José Epifânio da Franca (entrevista)**

---

### **Podemos alargar a questão até ao ensino secundário...**

Eu diria: até à chegada à universidade. No fundo, em que os jovens já são maiores, têm 18 anos, estarão em condições de entrar de uma maneira, de ser integrados no mercado de trabalho. E isso é feito através do valor económico da educação que eles trazem. E eu acredito sinceramente que essas bases são bases fortes na área da tecnologia da ciência, mas não a ciência mais pura; a ciência como ponte para as áreas tecnológicas. Eu penso que é fundamental para o país o desenvolvimento da riqueza, para o desenvolvimento do tecido industrial, para o desenvolvimento da actividade económica, são necessárias essas coisas.

### **Na sua opinião, com o conhecimento que tem ou terá do sistema de ensino português, o que é que mais condiciona a aprendizagem dos alunos, sobretudo nessa componente importante que é a componente das tecnologias?**

Se calhar como muitas outras pessoas, a única coisa que eu tenho é uma opinião, uma opinião que é distanciada da realidade. Não tenho contacto próximo com a realidade, não tenho filhos, nessa, nem nessa nem noutra área de escolaridade, não posso acompanhar de perto... Eu penso que o problema é um problema de múltiplas dimensões. Eu penso que os nossos jovens não são menos capazes de aprender do que qualquer outro jovem no mundo. Não acredito nisso. Não acredito que tenhamos algum, qualquer, defeito genético que nos impeça de aprender, como qualquer outro jovem consegue aprender. Também não acredito que os nossos professores não possam ser tão bons como os outros. O que eu acho, as falhas que se têm verificado e que nós têm conhecimento, porque elas acabam por ser muito objectivamente identificadas, são falhas que resultam de uma aprendizagem deficiente e provavelmente também de um ensino deficiente. O que é que contribui para isso? Eu sinceramente, não sei, nem sei se alguém sabe. Em geral, as condições de trabalho da escola não são piores do que as de outros países quem têm melhores indicadores educadores do que o nosso... Não acredito nisso! Meios? Porque, como em tudo na vida, também temos que ter meios. Mas penso que também não serão significativamente diferentes ou inferiores aos que outros têm... Que outros que estão à nossa frente nesses indicadores educativos têm. Talvez, talvez, portanto, admitindo que os jovens têm capacidade de aprender, admitindo que os professores são capazes de ensinar bem e de ter meios adequados e que o espaço de trabalho é um espaço adequado, a gente pergunta: porquê? Talvez não haja monitorização do processo do ciclo de ensino e de aprendizagem, não haja um controle, não haja referenciais claros de progressão que nos permitam saber como é que o progresso é feito, não é? Eu acho que fundamentalmente (não sei se é fundamentalmente...), se se for capaz de introduzir mecanismos que permitam acompanhar, controlar (no sentido de saber o que se está a fazer) esse processo, e detectar as falhas desse processo, que podem ser do lado dos alunos, mas também podem ser do lado dos professores, e se houvesse a vontade férrea e determinação de corrigir, o sistema equilibra-se. Porque nós estamos a seguir um caminho – um caminho que tem nove anos ou que tem 12 anos – e se ao longo desse

caminho tivermos etapas muito bem definidas e se formas capazes de saber exactamente ao fim de cada etapa o que é que foi feito, o que é que não foi feito, o que é que foi conseguido, o que é que não foi conseguido e se usarmos essa informação para corrigir, não vejo razão para não podermos fazer tão bem e termos os indicadores de aproveitamento tão bons como qualquer outro do mundo. Agora, o que eu acho é que o sistema é muito em malha aberto. Há falta de "accountability". Não sei a palavra em Português, mas é "prestar contas". "Accountability" vem "accounting" que é "prestar contas" em termos estritamente financeiros. Mas, de facto, "prestar contas". Os alunos não sentem que têm de prestar contas, nem os professores, de alguma maneira, sentem que têm de prestar contas e isso, sejam nas escolas ou noutra sítio qualquer, nos sistemas que são abertos e que, de facto, não têm "accountability", a todos os níveis, de alto a baixo, não funciona.

**E isso tipo de acompanhamento deveria ser feito em cada estabelecimento de ensino, ao nível das regiões ou, eventualmente, até, a nível nacional?**

Tem de ser uma combinação disso. Repare... a escola... vamos olhar para a pirâmide. Vamos imaginar que tinha objectivos muito bem definidos ao nível de política de sucesso. A política de sucesso dessa escola seria cada nível de qualificação que os seus alunos conseguiriam obter, por exemplo a uma escala nacional. E, portanto, se a escola aceitasse o desafio de perceber que teria de prestar contas num contexto mais alargado do que o contexto da própria escola e se a escola tivesse o brio, a vontade e a ambição de fazerem bem, concerteza que eles tinham no seu seio os próprios mecanismos de acompanhamento que permitiam que os alunos, quando fossem confrontados com os tais mecanismos – chamemos-lhe de aferição, de exame, o que seja – de nível muito mais abrangente, estivessem bem preparados e tivesse sucesso. À escala nacional, o país também precisa disso. Porque todos os jovens que nós formarmos até à universidade, eles vão ter de ser confrontados, não é no país, é no mundo! Não é? Portanto, se nós, na pirâmide desse ciclo de formação, até aos níveis mais elevados, não tivermos esses referenciais que, a certo momento, têm de estar fora de nós, nós, o país nunca vai estar preparado para um mundo que é cada vez mais global em que cada vez mais somos comparados com outros, que estão fora das nossas fronteiras, e que se quisermos sobreviver e competir, num mundo em que é, até, por vezes, brutal, do ponto de vista da competitividade, isso tem de acontecer. E, portanto, digamos, há, eu diria que há mecanismos internos que, no fundo, servem para preparar os desafios de enfrentarem um espaço de aferição e, até, de selecção, maior e, depois, naturalmente, a nível nacional, esses mecanismos nacionais que ... não gosto de usar palavras que, às vezes caem mal na nossa cultura, mas que... qualificam as pessoas. O caso da universidade: hoje as universidades têm mecanismos de acesso. Há vários mecanismos, mas, para todos os efeitos, há uma escolha. A escola é sempre... Eu sei que a escolha tem uma carga emocional grande. Mas eu acredito que se o país e as instituições não tiverem a coragem de ser capazes de fazer escolha, isso não contribui para o desenvolvimento do país. Eu acho que no mundo em que nós vivemos hoje, com os desafios que nós temos pela frente, é inevitável a escolha. E a escolha tem de ser assumida, tem de haver coragem de assumir. Agora, o que tem de ser também é a vontade de, no limite, a escolha ser para todos. Percebe o que eu quero dizer? Mas isso não pode ser em nome da qualidade. Isso tem de ser mantendo a qualidade aos níveis mais exigentes

e mais elevados que for necessário.

**Num cenário com essas características, quer ao nível do ensino básico e do secundário, mesmo até do superior, defenderia um sistema de gestão profissionalizado e não como aquele que temos agora?**

Vamos lá ver... Se eu fosse professor de uma escola eu, se calhar, haveria de querer que todos os meus alunos passassem, que todos os meus alunos estivessem entre os melhores alunos nacionais e que todos os meus alunos escolhessem a universidade que quisessem escolher. Se eu tivesse essa ambição e se eu não fosse um mau professor, essa ambição, pelo menos, levava-me a que eu tentasse e fizesse um grande esforço para ser um bom professor. Portanto, a minha ambição não era ser professor, a minha ambição era dizer: "Não posso ter nenhum aluno meu que chumbe ou que não tenha acesso à universidade da sua escolha". E, portanto, eu próprio, vou ter que estabelecer comigo mesmo e com os meus alunos os mecanismos de acompanhamento e de aferição que me garantam que no dia em que eles forem lançados para um espaço de competição mais alargado do que a sala de aulas a que eles estão habituados, eles tenham possibilidade de competir e de vencer. É este o mundo em que nós vivemos. E, portanto, eu acho que estes mecanismos podem ser, ou o à vontade inerente a cada um de nós, a cada um de nós, de o fazer, e é capaz de ser um bocadinho utópico, há enquadramentos e, se calhar, em conjunto, de responsabilidades que definem as balizas desses enquadramentos. Ao fazer-se isso, do meu ponto de vista, acho que se está a profissionalizar. Mas se agente perguntar: o que é profissionalizar? Do meu ponto de vista, profissionalizar é tentar garantir que, em cada momento, cada organização (seja uma turma, seja uma escola, seja o país) tem objectivos que conhece, seja capaz de medir o nível de execução desses objectivos e seja capaz de corrigir em função do nível de execução dos objectivos. Do meu ponto de vista – e talvez simplificando um bocadinho – uma organização profissional é essa. É aquele que sabe as suas metas, que conhece as suas metas, que cria as condições para a atingir, é capaz de aferir, de medir e de introduzir, permanentemente, as mudanças necessárias para melhorar.

**E tanto pode ser um professor como alguém exterior à escola?**

Exactamente. Do meu ponto de vista, tanto pode ser um professor como alguém exterior à escola. O que eu julgo que existe é que existe é que existe a percepção de que, em geral, e estas coisas são todas, porque há excepções!... Porque tenho a certeza de que há professores que são capazes de fazer isso de uma maneira natural e até de uma maneira mais institucional, que tenham aptidões para fazer isso, como também sei que há professores que não se sentem bem neste tipo de ambiente. Há um bocado a percepção de que há falta de "accountability" em que as pessoas gostam de estar. Aliás... Sejamos humanos! Se todos nós pudéssemos viver num mundo sem ter de prestar contas a ninguém... se calhar todos nós gostávamos. Mas todos nós percebemos que esse mundo não é possível, se calhar seria o mundo do caos. O que acontece muitas vezes, é que a escola, em geral da primária até à universidade, pelas suas características próprias

de liberdade, de abertura e de pensamento... esses mecanismos são às vezes difíceis de estabelecer. Mas eu acho que é inevitável que eles venham a ser estabelecidos. Se puderem ser por pessoas que aliam essa capacidade de definir um rumo, de medir o rumo, de medir as metas e introduzir as correcções necessárias ou se têm de ser pessoas de fora, não... desde que o objectivo seja cumprido...

### **É irrelevante?**

Do meu ponto de vista, é irrelevante. Agora, o que é preciso é estabelecer isso como um objectivo, acompanhar e, também faz parte dos mecanismos necessários, quando se verifica que uma escola não é capaz de o fazer, tem que haver correcções e, na prática, haver mudanças. Ou seja, eu acho que se nós conseguirmos inculcar na nossa cultura – desde um jovem até à idade adulta – esta ideia de “accountability” e de que temos de viver no nosso mundo, na nossa sociedade, prestando contas a cada momento e se houver depois os mecanismos para ver como é que isso se faz, não há razões para as coisas não correrem bem.

### **Pensa que esse sistema poderia ser também uma mais valia no ensino superior, no contexto de Bolonha e de mobilidade?**

Todos nós, em Portugal, temos que perceber que temos de competir no mundo e que aquilo que nós achamos de nós próprios não serve rigorosamente nada no mundo. Não serve. Eu costumo dizer muito isto: não interessa nada para os grandes desafios que Portugal tem pela frente, sobretudo na era da globalização, não interessa nada dizer que esta escola é melhor do que a lado ou que a universidade A é melhor do que a B. Não interessa nada! Porque o nosso espaço de competição não é dentro das nossas fronteiras; é lá fora! E, portanto, lá fora – onde, naturalmente, as pessoas não nos conhecem – nós temos de ser capazes de atingir as metas que os outros atingem. Normalmente, não somos nós a atingir essas metas, são os líderes, em cada momento, que vão definindo essas metas. Portanto, se a nossa “accountability”, que tem de ser urgentemente estabelecida, nos guiar para essas metas de referenciais que estão fora do nosso país, eu não vejo razão para não conseguirmos. Não vejo! Porque se à partida admitisse, à partida estava a admitir que nós temos factores genéticos que nos tornam inferiores aos outros, em que eu obviamente não acredito. Não acredito!

### **Como é que podem ser valorizadas as questões como a inovação, o conhecimento científico e tecnológico? O que é que faz falta em Portugal para competirmos nesse cenário mundial?**

Mais uma vez, é a opinião de uma pessoa que acompanha essas coisas e que de vez em quando pensa sobre elas. Eu vejo... Eu considero... Hoje em dia, quando se fala em economia do conhecimento, naturalmente dá-se valor ao conhecimento. Mas é preciso perceber que conhecimento é esse, e não é um conhecimento qualquer. É um conhecimento que tem um valor económico, por isso é que se diz que tem é económica do conhecimento. E valor económico quer dizer em sentido muito lato, que contribua para o desenvolvimento económico do país, que crie riqueza. Quer dizer que não é um conhecimento “per si” nem um conhecimento completamente desenraizado da realidade económica em que nós vivemos e em que nós nos aferimos. Portanto, eu acho que há necessidade em Portugal de orientar

mais o conhecimento científico e tecnológico (que se segue à ciência) para o seu valor económico. Eu costumo dizer muitas vezes, já tenho dito muitas vezes, que a escola em Portugal teve tradicionalmente dois valores muito grandes: o valor cultural (óbvio!) e o valor social. Para o bem e para o mal, é o país dos “dê erres” e dos “enges” e dessas coisas todas. Não tem ainda incutido na nossa cultura o valor económico e da educação. Porque se isso tivesse incutido, não era admissível que este país tivesse 20 ou 30 mil jovens licenciados no desemprego. Quando se calhar há áreas de actividade económica de um país que não têm jovens licenciados. Dou-lhe o caso aqui da “Chipidea”. A “Chipidea” viu-se obrigada, ao longo dos últimos cinco ou seis anos, a criar centros de engenharia no estrangeiro (na Polónia, em Macau, etc), não por qualquer razão de natureza económica, ou de mercado, ou não. Pura e simplesmente, não encontro em Portugal o engenheiro que eu preciso para despertar o crescimento da empresa. Portanto, isto é um enorme contra-senso: um país que tem 30 ou 40 mil jovens que estão desempregados e tem empresas (e esta é um caso entre delas) que não encontra no país os jovens necessários... Porquê? Porque há um enorme desalinhamento entre a formação e o valor do conhecimento adquirido pelos jovens e a realidade económica nacional. Tem que haver um esforço muito grande para orientar o desenvolvimento desse conhecimento para aquilo que é a actividade económica. Isto quer dizer também, que eu acho que o país não está numa fase suficientemente madura do seu desenvolvimento para se poder dar o luxo de fazer a ciência por ciência. Tem que se fazer um esforço muito grande para que a actividade científica seja fundamentalmente orientada e contribua para o desenvolvimento do tecido económico nacional. E se nós olharmos para o mundo, há países, que passaram por fase de desenvolvimento e de modernização muito acelerada, que o fizeram. Foi, de facto, pôr o desenvolvimento da capacidade científica ao serviço do objectivo prioritário, que é o desenvolvimento económico. E só aqueles países no topo da liga das nações (que se têm desenvolvido tecnologicamente, industrialmente e economicamente como potências económicas) se pode dar ao luxo de que uma parte desse conhecimento não seja canalizado de imediato para o aumento da actividade económica nacional e possa ser uma coisa para daqui a 20 ou 30 anos. Eu, sinceramente, acho que o país não se pode dar ao luxo, de não utilizar todos os seus recursos e o desenvolvimento do conhecimento que lhe está associado, para promover aceleradamente o desenvolvimento económico nacional.

**Mas, se calhar, isso passa também por uma mudança de mentalidades das pessoas que estão a decidir quais são os cursos e qual é a orientação que eles devem ter...**

Claro que isso está tudo ligado!

**Por outro lado, pelo que eu percebi das suas palavras, é também importante uma sensibilização das famílias para o valor e a importância da educação...**

E para o próprio valor económico. Hoje o mundo sem o “dê erre” – aliás – o “dê erre” não tem valor em nenhum outro país do mundo – isso não interessa nada. Mesmo o valor social que estava associado a isso está a desaparecer. Obviamente que um jovem que está licenciado e que tem um

“dê erre” atrás, mas que está no desemprego e tem de ter o subsídio de desemprego, isso retira-lhe o valor económico e a componente de valorização social também vai desaparecer, não é? Isso é absolutamente fundamental.

### **O que é que o senhor professor valoriza quando selecciona um jovem para a sua empresa?**

Eu valorizo... Pondo as coisas de uma maneira simples, há duas componentes: a componente do lado técnico e a componente do lado humano. A componente técnica é importante sobretudo se a empresa não tiver que fazer um esforço de investimento exagerado na formação desse jovem. Obviamente que é importante! Sobretudo em mercados de indústrias de uma grande dinâmica, em que cada dia conta, tudo o que nós pudermos fazer em termos de encurtar o tempo de formação de um jovem para ele começar a ser operacional na empresa, no dia-a-dia, ganhamos todos, não é? Infelizmente as universidades não prepararam... Mais uma vez, a regra, há excepções. A regra é que os currículos, na nossa área, na nossa área, são insuficientes para preparar os jovens para uma rápida integrar na nossa actividade, numa empresa como a “Chipidea”. E portanto, o que é que nós vamos à procura? Vamos à procura do lado das características pessoais: vamos à procura de jovens com vontade de trabalhar, motivados para desafios, perceber que no início de uma vida que haver sacrifícios, tem que haver investimento. O jovem tem que perceber que é nos primeiros 10 20 anos que ele investe para o futuro; não pode querer que saído da escola, como eu costumo dizer, com a chucha ainda não boca, já ter tudo e mais alguma coisa. Portanto, esta ideia de investir – e de alguma maneira esse investimento significa muitas vezes algum sacrifício, capacidade de o jovem trabalhar e se esforçar – não pode ter a mentalidade do empregado (que é uma palavra que eu não gosto de utilizar, que não uso aqui na empresa) que entra às nove e sai às seis. Sobretudo na vida, no início da vida profissional, isso não pode ser. Tem de ser com dias e dias preenchidos a trabalhar e a estudar. Portanto, esse lado humano, essas características de motivação, de uma certa ambição do ponto de vista do desejo de ganhar desafios, de vencer desafios, de ultrapassar desafios, vontade de aprender, espírito aberto, vontade de competir no mundo (a empresa “Chipidea” compete no mundo, nós não temos clientes em Portugal), tudo isso são características importantes. Quando elas existem, o resto também vem facilmente. A aprendizagem é mais importante do que o conteúdo que a aprendizagem proporcionou em determinado momento da vida e é isso que nós procuramos.

### **Como é que o senhor professor gostaria que fosse o sistema de ensino português daqui a dez anos?**

Eu gostava em primeiro lugar que, do ponto de vista do país, quando Portugal fosse aferido internacionalmente com outros países com que nós competimos, nós pudéssemos estar melhor do que estamos hoje. Infelizmente, todos os indicadores que existem sobre o nível de desenvolvimento educativo do país, e científico, também, não são lisonjeiros. Eu acho que o país devia olhar para isso e devia fazer um esforço muito grande. E deveria estabelecer metas para progredir. No fundo, aceitar que não estamos bem, aceitar que esse problema é um problema nacional, que é um problema do futuro e não é um problema do passado. Como não

interessa olhar para trás e dizer que é culpa deste ou é culpa daquele. Isso não interessa nada. O que interessa dizer assim: todos, mas todos – alunos, pais, responsáveis, dirigentes, professores, todos –, todos temos que perceber que temos aqui um desafio muito grande. Esse desafio tem que nos obrigar a fazer com que o país, amanhã, esteja melhor do que está hoje. E que depois de amanhã esteja melhor do que está amanhã e assim sucessivamente. E se nós percebermos o problema que temos entre mãos, percebermos o desafio que temos pela frente, eu acredito que será necessário mobilizar o país, as pessoas do país, para lutarem e para ultrapassarem os grandes desafios que têm pela frente. Acredito sinceramente que sim!